
Que delícia de nação! A comunidade imaginada por Carlos Malheiro Dias no final do Oitocentos

What a delight of a nation! The community imagined by Carlos Malheiro Dias at the end of the 19th century

Andreia Alves Monteiro de Castro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/PLLB-RGPL

Nicole Christine Costa Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/PLLB-RGPL

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n50a530>

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar as razões do apagamento do romance *A Mulata* (1896), de Carlos Malheiro Dias (1875-1941), com produção, circulação e consumo no Brasil. O escritor português, ao representar, a seu modo, o Brasil através da recorrente imagem estereotipada vinculada às mestiças, acabou por contradizer um projeto de nação “imaginado” por políticos, intelectuais e artistas no final do século XIX. A controvérsia atraiu tanto a atenção dos leitores, fazendo com que o romance fosse reeditado poucos meses após a sua primeira publicação, quanto da crítica, que fez com que o “romance de fogo” fosse maldito nas páginas dos jornais. Como o romance e o autor encontram-se bastante obliterados, a pesquisa na Coleção Malheiro Dias/RGPL é incontornável para as análises pretendidas.

PALAVRAS-CHAVE: memórias; Coleção Malheiro Dias/RGPL; identidade; literatura oitocentista; mestiçagem.

ABSTRACT

The article aims to analyze the reasons for the deletion of the novel *A Mulata* (1896), by Carlos Malheiro Dias (1875-1941), with production, circulation, and consumption in Brazil. The Portuguese writer, by representing, in his own way, Brazil through the recurrent stereotyped image conveyed to mestizos, ended up contradicting a project of nation “imagined” by politicians, intellectuals and artists at the end of the 19th century. The controversy garnered so much attention from readers, causing the pit novel to be reprinted a few months after its first publication, which caused the “fire novel” to be pit cursed in the newspapers. As the romance and the author are quite obliterated, research at the Malheiro Dias/RGPL Collection is indispensable for the intended analyses.

KEYWORDS: Memories; Malheiro Dias/RGPL Collection; identity; 19th century literature; miscegenation.

Mesmo que tenha alcançado tido, no final do século XIX, um êxito absoluto de público, sendo reeditado e adaptado para texto dramático poucos meses após a sua primeira publicação¹, *A Mulata* (1896), de Carlos Malheiro Dias (1875-1941), é atualmente um romance quase esquecido de um autor bastante obliterado. Situação, no mínimo, intrigante, ainda mais se considerarmos não apenas a atuação do autor como jornalista, cronista, romancista, contista, político e historiador, mas também a sua proeminência na política e na cultura luso-brasileira no início do século XX.

Além de seu “romance de fogo”, muitas das obras de Malheiro Dias obtiveram uma fervorosa recepção no Brasil, tais como os romances *O Filho das Ervas* (1900), *Os Teles de Albergaria* (1901), *A Paixão de Maria do Céu* (1902), o volume de *A Vencida* (1907), o conjunto de

¹ DIAS, Carlos Malheiro. *Corações de todos*: drama em 5 atos. Lisboa, Imp. Libânio da Silva, 1897.

crônicas *A Verdade Nua* (1911) e os três volumes da *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (1921-1924), elaborados sob a sua coordenação. Malheiro Dias também colaborou, dirigiu e fundou periódicos de grande circulação no país, entre eles se destacam *A Revista da Semana* (1900-1959) e *O Cruzeiro* (1928-1975).

A influência de Malheiro Dias nessas mídias teria lhe garantido a admiração e o respeito de jornalistas e proprietários de periódicos brasileiros. Uma fotografia publicada na *Revista da Semana*, em agosto de 1920, evidencia, por exemplo, a ligação do escritor com Vasco Lima, Aureliano Machado e Irineu Marinho, que, na época, estava à frente do vespertino carioca *A Noite*, poucos anos antes da criação do jornal *O Globo*. Notícias desses encontros podem comprovar que o fundador do maior grupo de mídia e comunicação no país, com frequência, buscava a interlocução com o escritor português conhecido por inovações e por ter a simpatia de artistas e políticos influentes.

Figura 1 – Malheiro Dias, Roque Gameiro, Helena Gameiro, Irineu Marinho, Vasco Lima e Aureliano Machado.



Fonte: *Revista da Semana* (1920).

Desde que Malheiro Dias assumiu a direção da *Revista da Semana*, em fevereiro de 1914, o periódico passou por uma grande reformulação. Sem perder o cariz político e noticioso, a *Revista da Semana*

investiu em capas mais arrojadas e no incremento de textos literários – incluindo a produção de seu grande amigo João do Rio –, de ilustrações, fotos e caricaturas.

Figura 2 – Capas da *Revista da Semana*.



Fonte: *Revista da Semana* – à esquerda, 14 ago. 1920; à direita, 20 jan.1917; e ao centro, 24 mar.1917.

Figura 3 – Publicação de um excerto da peça *Encontro*, de João do Rio.



Fonte: *Revista da Semana* (1915, p. 33).

Aliás, a amizade e a parceria entre Malheiro Dias e João do Rio (Paulo Barreto) estão eternizadas em imagens de encontros, confraternizações e banquetes, como as fotografias encontradas em um álbum que integra a Coleção Carlos Malheiro Dias, parte do acervo do Real Gabinete Português de Leitura:

Figura 4 – Montagem de fotografias do banquete em homenagem a Malheiro Dias, em 29 de junho de 1918, no salão da Associação dos Empregados do Comércio – João do Rio, à esquerda, e Malheiro Dias, à direita.



Fonte: Coleção Carlos Malheiro Dias – RGPL.

A *Revista da Semana* passou também a publicar seções mais voltadas ao público feminino, como “Jornal das Famílias”, na qual eram abordados temas estritamente domésticos, como bordados, costura, receitas, higiene e educação; e “Consultório da Mulher”, assinada pela “especialista diplomada e internacionalmente conhecida” Selda Potocka², que respondia às curiosidades

² A escritora polonesa veio ao Brasil para fundar o Instituto de Madame Selda Potocka, no Rio de Janeiro, e para viver maritalmente com Carlos Malheiro Dias. Dedicou-se tanto às letras quanto à produção e ao comércio de preparados,

sobre tratamentos de beleza, comentando e indicando produtos cosméticos às leitoras. Já em “Cartas de Mulher”, o foco é o debate sobre as mudanças do comportamento feminino no início do século XX, com destaque aos elogios e às polêmicas causadas pelos conselhos e opiniões progressistas de Iracema, pseudônimo do próprio Malheiro Dias.

Interessante perceber que, como a correspondência recebida por Iracema³ indica, sem saber verdadeiramente quem escrevia os textos, muitos de seus leitores acreditavam, talvez movidos pela memória identitária ligada ao nome, que a colunista era, de fato, uma mulher brasileira, de tal forma que um de seus textos com maior repercussão, “Carta ao meu filho”⁴, fora republicado repetidas vezes e sempre atribuído à Júlia Lopes de Almeida, que escreveu ao diretor da revista pedindo que ele desfizesse o equívoco.

tônicos, cremes, loções, pó de arroz, sabonetes e xampus. Defensora da emancipação feminina e vivendo uma relação socialmente reconhecida, mas bastante reprovada pelos mais conservadores, Selda também enfrentou ataques e críticas de detratores de Malheiro Dias.

³ As cartas dos leitores integram a Coleção Carlos Malheiro Dias, parte do acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Algumas dessas missivas também foram publicadas na *Revista da Semana*.

⁴ O próprio Malheiro Dias documentou a polêmica sobre a autoria da carta, a sua atribuição à Júlia Lopes de Almeida e a carta remetida pela escritora em um álbum da Coleção Carlos Malheiro Dias, parte do acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

Figura 5 – Publicação do desmentido e do pedido de Júlia Lopes de Almeida.



Fonte: *Revista da Semana* (1918, p. 20).

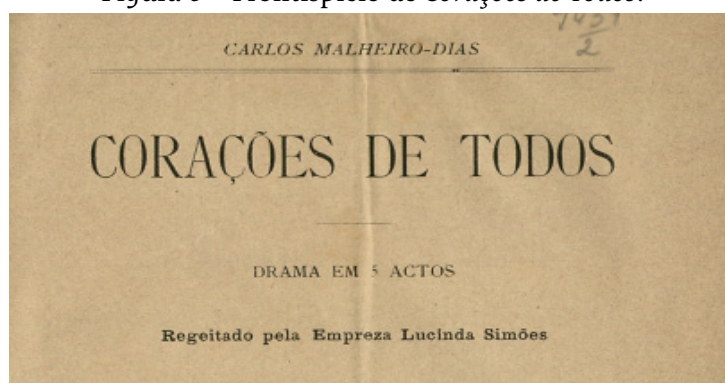
No entanto, o seu único romance com ambientação, produção, publicação, circulação e consumo no Brasil parece ter sido mesmo *A Mulata*. A narrativa, para além de conquistar a atenção dos leitores comuns, despertou o furor da crítica especializada. Ao encarnar a nação no corpo acobreado, bravo e sensual de Honorina, o escritor experimentou “a mais violenta das hostilidades, a tal ponto que ele achou por bem não só retornar às pressas a Portugal como se abster de mencionar a narrativa na lista das suas obras publicadas” (Torres, 1975, p. 11):

A pele, quase branca no rosto, devia cobrear-se no corpo, desde a garganta às pernas... E tudo nela era bravo, respirava a sertão, lembrava o animal da mata. Edmundo contemplava-a enquanto ela comia, e um ódio enorme enchia-o, um ódio por aqueles

peignoirs que não traíam do corpo nem a pequenez dos seios, que deviam ser rijos como frutas verdes (Dias, 1975, p. 121).

Mesmo que tenha arcado com o custo de ter sido acusado de infamar a mulher e a família brasileira com seu obsceno e antipatriótico romance, na verdade, Malheiro Dias amealhou uma pequena fortuna ao vender os direitos de *A Mulata* ao seu editor Pedro da Silva Quaresma. Além da bagatela de um conto e meio de réis, o escritor, ao verter a obra para o texto teatral, intitulado-o de *Corações de todos: drama em 5 atos*, conseguiu ganhar mais algum dinheiro e atrair muita atenção. A empresa teatral Lucinda Simões teria se recusado a encenar a peça, pois “os reservados para as atrizes Lucinda Simões e Lucília Simões (Honorina e Emília), [eram] bastante perigosos para a apresentação no nosso meio ainda muito pouco preparado para se lhe desenrolarem quadros de tão real nudez” (Sousa apud Dias, 1897, p. 6). A publicação em livro do texto dramático traz a informação sobre a tal recusa no frontispício e a carta de Cristiano de Sousa, diretor da companhia juntamente com as irmãs Simões.

Figura 6 – Frontispício de *Corações de Todos*.



Fonte: Dias (1897).

Analisando o contexto estético, político e cultural oitocentista, é fácil perceber que essa representação ou corporificação da nação,

por si só, não era novidade. Muitos ilustradores, pintores e escritores construíram, difundiram, discutiram a identidade da mestiça brasileira como um ser dotado de malícia e de permissividade, um corpo posto sempre à disposição, pronto para consumo.

Na cozinha e na cama, a brasileira era dita imbatível. Cozinhar e amar, duas atividades complementares, tornaram-se sinônimas e eram exploradas em toda sua complexidade e ambiguidade nos textos verbais ou puramente iconográficos. Nesse verdadeiro “império dos sentidos”, os corpos das mestiças brasileiras eram amplamente descritos, em narrativas estrangeiras e nacionais, a partir de cores fortes, aromas inebriantes e gostos exóticos de frutas, ervas, bebidas e temperos. A representação artística e literária destas ardentes “morenas”, “pardas” ou “mulatas”, trazendo à baila toda a carga significativa subjacente a estes termos, teria contribuído, e muito, para consolidação e para difusão desta visão que acabou servindo de base para a estigmatização, a inferiorização e a marginalização social dessas mulheres.

Fossem cor de jambo, de canela ou de trigo maduro, a menção às diferentes tonalidades de pele resultantes da miscigenação, com frequência, estava aliada à descrição estereotipada do corpo das brasileiras em geral: seios rijos, cintura fina, quadris largos, glúteos avantajados e pernas bem-torneadas. Todo este conjunto de atributos físicos, por sua vez, determinaria movimentos peculiares apresentados, quase sempre, como gestos e requebros atraentes e lascivos, sobretudo, quando cantam e dançam os ritmos de seu povo.

Na ficção, bem como na realidade, visão e tato também se separavam dos sentidos no que tange à percepção do corpo feminino pelo homem. Ainda que simplório, este apelo multissensorial e sinestésico já estava presente em um texto publicado por Almeida Garrett, em 1845, nas páginas do periódico *A Ilustração*. O escritor português, aparentemente influenciado pelo poema épico do frei Santa Rita Durão, tornava pública uma carta remetida por um brasileiro

que vivia em Lisboa à sua noiva, a cabocla Moema. O remetente retrata a destinatária como uma sensual morena, tratando-a por epítetos curiosos, como “caju da minha vida”, “banana da minha alma” e “maracujá-açu do meu coração”. A despedida que encerra a estranha epístola assinalada pelo exotismo também tem este mesmo cariz: “Limonada refrigerante dos meus ardentes desejos, eu te bebo com o pensamento de cá desta aridez da velha Europa” (Garrett, 1845, p. 53).

A representação da brasileira como uma mulher que é, ao mesmo tempo, sensualíssima, artilosa e amoral também está presente, por exemplo, no romance *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), do escritor português Camilo Castelo Branco. Nesta obra, a bela cozinheira que tinha a cor trigueira e exalava o cheiro de seu apetitoso tempero, naturalmente, usa todos os seus atributos físicos e intelectuais para seduzir e, depois, quando lhe convém, abandonar o protagonista da trama, Silvestre da Silva, que era amante da dona do estabelecimento no qual a morena trabalhava. Tupinyoyo é a figuração de um corpo feminino que não apenas sabe, mas gosta de ter e de dar prazer, sem nenhum embaraço ou questão existencial. O narrador/personagem emprega expressões como “inferno de devorante lascívia” e “choque da pilha galvânica” para apresentar fisicamente a sua cozinheira, mas, no final do caso amoroso e, coincidentemente, no final do capítulo, a esperteza e a malícia são os qualificadores destacados, como se para o português, mais uma vez, não houvesse escolha a não ser ceder à sedução da brasileira.

Não há como tratar desse tema sem pensar na Iracema de Alencar. A “virgem dos lábios de mel”, cujo sorriso era mais doce do que o “favo da jati” e o hálito mais perfumado do que a baunilha dos bosques, também era uma morena astuta e exuberante que, segundo palavras do narrador, dedicava a Martim, branco europeu, amores ardentes. Em aparente contraposição à noção de pureza evocada pela caracterização da personagem e pela repetição do termo virgem atribuído à Índia, a menção a amores ardentes é, de fato, um eufe-

mismo para um desejo físico, que, de tão urgente, leva a sacerdotisa a oferecer ao amado o vinho de Tupã, uma bebida com efeitos alucinógenos, com a intenção de vencer a resistência do rapaz ao ato sexual fora dos laços sagrados do matrimônio:

Quando Iracema foi de volta, já o Pajé não estava na cabana; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia oculto sob a carioba de algodão entretecida de penas. Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corola da flor. Podia amá-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem (Alencar, 1967, p. 280).

Quase uma década mais tarde, o artista plástico Rafael Bordalo Pinheiro, em um relato das suas impressões sobre o Rio de Janeiro e os seus habitantes, publicado na revista brasileira *O Mosquito*, também não deixou de registrar a sua visão sobre as “esplêndidas mulheres brasileiras”. Na ilustração, de acordo com as vestimentas usadas por cada uma delas, é possível perceber que a mulata, muito mais decorada, enfeitada e sorridente, foi retratada com um cariz muito mais sensual e exuberante do que as mulheres brancas.

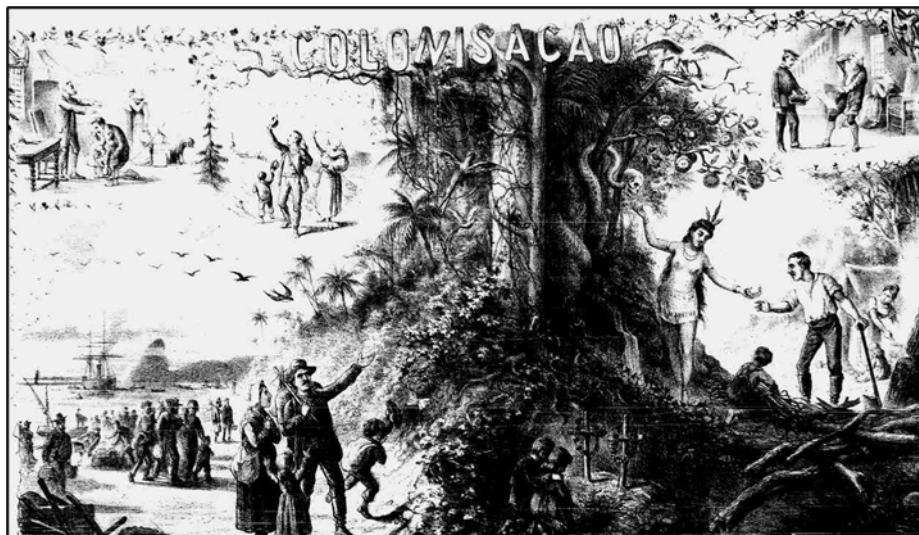
Figura 7 – Mas, em compensação, que mulheres!!! Esplêndida!!!



Fonte: Pinheiro (1875, p. 3).

Na *Revista Ilustrada*, o desenhista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, para retratar as epidemias que assolavam “a abençoada cidade do Rio de Janeiro” no ano de 1876, corporifica a capital na imagem de uma cabocla de seios desnudos, que, tal como Eva, oferece um pomo fatal ao colono europeu, que se deixa seduzir enquanto a sua esposa, furiosa, assiste à cena. A narrativa conta, através de ilustrações, a saga de uma família de imigrantes termina com as crianças chorando próximas à lápide do pai.

Figura 8 – Sequência de imagem que alegorizam as pestes que vitimavam os imigrantes.



Fonte: Agostini (1876, p. 4-6).

Esse corpo marcado pela sexualidade também está em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Rita Baiana é, ao mesmo tempo, “açúcar gostoso” e “veneno”, “sapoti mais doce que o mel” e “castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo” (Azevedo, 2015, p. 82). Provar seu café temperado com parati, ouvir a sua “música crioula” (Azevedo, 2015, p. 79), querer se deixar levar nos seus requebros e rebolados era o caminho mais curto e certo para uma verdadeira metamorfose antropofágica. A transformação experimentada por

Jerônimo passa por todos os sentidos, mas, definitivamente, ela começa na mesa antes de chegar na cama.

A “mistura” incentivada, desejada e banalizada é tema discutido em *Rosaura, a enjeitada* (1883), de Bernardo Guimarães. Rosaura, uma jovem de “lábios carnudos e voluptuoso” e com a “tez do rosto e das mãos era de um moreno algum tanto carregado”, tem a origem resumida pelos versos: “Jabuticaba, ela viveu somente / Como a jabuticaba; / Foi comida e deixou só a semente: / Assim tudo se acaba” (Guimarães, 1883, p. 42).

No final desse “canibalismo amoroso”, só restava a semente, símbolo de um porvir cada vez mais branco. A “mulher-fruto”, a “mulher-refeição” e, finalmente, a “mulher-presa” remetem aos estudos de Affonso Romano de Sant’Anna, que trabalha o tema na perspectiva do canibalismo amoroso, principalmente no que concerne às relações entre o homem branco e a mulher negra ou mulata. Naquele momento, para muitos, essa era a realização de uma promessa de redenção.

No projeto etnocida e biopolítico da nação, a mestiçagem visava o embranquecimento do povo brasileiro. Como afirma Munanga, a mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria, entre outras consequências, a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, “uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro” (1999, p. 112).

Ideário, desejo e propaganda explicitados, postos em cena, na tela *A Redenção de Cam*, do pintor espanhol Modesto Brocos. O quadro fez sucesso na Europa acompanhado da legenda: “o negro se torna branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças”.

O poeta Olavo Bilac, assinando como “Fantasio”, também deixou seu contributo saudando a obra de Brocos na *Gazeta de Notícias* com os seguintes dizeres:

Na sua grande tela belíssima, já a filha da velha preta está meio lavada da maldição secular: já não tem na pele a lúgubre cor da noite, mas a cor indecisa de um crepúsculo. (...) Vede a aurora-criança como sorri e fulgura, no colo da mulata, aurora filha do dilúculo, neta da noite... Cam está redimido!... (Fantasio, 1895, p. 1).

Figura 9 – A Redenção de Cam, 1895.



Fonte: Brocos (1895).

Malheiro Dias parece contrariar, justamente, essa construção identitária coletiva, essa imaginação visual e discursiva sobre o futuro do Brasil em *A Mulata*. O autor, problematizando o desejo pela tal “aurora-criança”, desvela a atuação de um sistema escravagista, patriarcal e racista que se perpetuava, precisamente, porque não se deixava, de fato, compreender nem criticar. O romance desvela a ação das elites que faziam questão de ignorar as contradições do processo de embranquecimento para manterem suas prerrogativas, não poupando os intelectuais. Situação que teria enfurecido jornalistas e escritores brasileiros de prestígio, alguns mencionados nominalmente no romance. Não por acaso, Bilac encabeça essa lista.

O estonteante e mestiço Rio de Janeiro encarnado no corpo de Honorina, tão brasileiro quanto português, era justamente a cidade com feições coloniais que Bilac queria modificar e, anos depois, adorou ver ruir pela ação das “picaretas regeneradoras” de Rodrigues Alves e Pereira Passos. Em suas crônicas, o “príncipe dos poetas” descrevia a paisagem urbana, criticando, com frequência, o antigo frente ao novo, com o intuito de legitimar, a qualquer custo, a transformação do Rio de Janeiro em uma moderna metrópole afrancesada e cosmopolita.

Fazendo uso de todo o seu reconhecido talento retórico e estilístico, Bilac traduzia, por meio de imagens, sentimentos e sensações, os ideais das classes dominantes: o saudável e seguro padrão estabelecido pela Paris do barão de Haussmann não tolerava as enoveladas, estreitas e escuras vias de “Sebastianópolis”⁵. As majestosas, coloridas e arrojadas feições citadinas ditadas pela *Belle Époque* em tudo superavam o semblante cansado, antiquado e decadente do casario colonial carioca.

O príncipe dos poetas também chegou a corporificar a cidade para comprovar que ela era vertiginosa, mas não por suas belezas sinuosas. Bilac, com muita plasticidade imagética, afirma que um passeio de “rua em rua, de bairro em bairro” no Rio de Janeiro se tornava um divertido, mas nada tranquilizador, espetáculo de casas que se desequilibravam e dançavam como coristas: umas, “numa atitude de reverência”, curvavam-se para diante, saudando quem passava; outras se torciam nas cintas e inclinavam “o busto para a direita ou para a esquerda, numa pose canalha de cantora de taverna” (Bilac, 1897, p. 1).

⁵ Em várias de suas crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, entre 1897 e 1908, Bilac se refere à cidade do Rio de Janeiro como “Sebastianópolis”.

Em oposição ao furor reformista difundido por Bilac, Malheiro Dias, em *A Mulata*, parece defender que somente o conhecimento e a preservação da história luso-brasileira poderiam garantir um futuro ao país. Essa ideia toma corpo através de um triângulo amoroso bastante peculiar. O passado colonial é representado pelo marido de Honorina, um português rústico e viril; a nação brasileira, por Honorina, a mestiça a quem o título faz menção, e a elite branca e letrada que comandava o Brasil no final do século, pelo apático e impotente Edmundo:

Pensa um pouco o que será da pátria daqui a uns anos, entregue aos nossos braços de positivistas e de materiais, todos nós que vemos a alma através duma definição de filosofia materialista, incapazes de um belo esforço para o ideal, raça degenerada, carregando com um país virgem que se nos entregou como uma índia nua, a alma embalada de amor e olhos cegos de fantasia... (Dias, 1975, p. 40).

Cabe ressaltar que, embora Honorina seja fisicamente representada através da tradicional imagem da mulata, “cor fulva do bronze, os cabelos sedosos e negros como um abismo, os olhos ensopados num fluido que arrastava, os seus modos de bacante languida, as suas ventas de gata brava” (Dias, 1975, p. 171), a personagem também é descrita como uma mulher ativa e capaz de ter empatia por suas companheiras de prostíbulo, refletindo com melancolia a respeito da exploração, da miséria e da crueldade experienciada cotidianamente por todas, rompendo, ainda que brevemente, a negação de subjetividade tradicionalmente conferida às mulheres de sua condição:

Honorina fitava-as, trêmula, tentando em vão surpreender-lhes o grande inferno que ardia dentro delas, adivinhando-as desesperadas e cravadas de chagas, vendo-as reles, caminhando descuidosas para a Santa Casa e para a vala comum do Caju, disfarçando a sua amedrontada miragem do futuro [...] (Dias, 1975, p. 349).

Figura 10 – Exposição de carne humana autorizada pela polícia.



Fonte: *O Mosquito* (1873, p. 4).

A prostituição era uma questão premente na capital brasileira do século XIX, figurando não apenas como o subtexto melindroso da Sebastianópolis, mas também como objeto de estudos acadêmicos, a exemplo da tese apresentada à Faculdade de Medicina por Herculano Augusto Cunha em 1845, *Dissertação sobre a prostituição em particular na cidade do Rio de Janeiro*, que propunha uma hierarquização cientificista do meretrício carioca, o mesmo olhar que lhe era conferido pela mídia do período, como podemos ver na ilustração da revista *O Mosquito*, que criticava a visibilidade da prostituição na cidade. Nesse contexto em que as prostitutas eram tratadas à luz do dia como nada além de um inconveniente urbano, social e sanitário, *A Mulata* traz uma nova e curiosa perspectiva sobre essas mulheres através de Honorina e seus pensamentos.

Já Edmundo é um jovem entristecido, adoecido, dotado de uma passividade que o afasta totalmente do comportamento esperado para um homem, não consegue sequer ter êxito na profissão que escolhera, sobrevivendo das glórias de um sucesso pretérito e do dinheiro enviado pela mãe.

A pobre criança era um produto mórbido e irresponsável de um atavismo nevropata. A sua passividade era apenas o resultado do seu temperamento anêmico; era a sujeição à lei científica: ‘o temperamento linfático ou passivo, o temperamento sanguíneo ou ativo’ (Dias, 1975, p. 58).

Também cabe destacar que, se, nas narrativas de José de Alencar e de Aluísio Azevedo, são as mulheres brasileiras as responsáveis por preparar bebidas como um expediente facilitador ao encontro sexual ou com efeitos afrodisíacos – Iracema prepara a bebida de Tupã e Rita Baiana, o café com Parati –, no romance de Malheiro Dias, Edmundo é quem prepara “um *punch*” para esses mesmos fins, roubando da parceira, como a própria Honorina se queixa, o espaço do feminino:

Ele mesmo preparou um punch, com conhaque, chá, passas de Alicante, açúcar e sumo de limão. Ela despia a camisa quando ele deitou fogo à beberagem, e Honorina, nua, deitada na cama, toda iluminada pela labareda (Dias, 1975, p. 148).

Cansara-se depressa do seu amor passivo, dos seus beijos quentes e longos, arrastados por todo o rosto, num eterno fanatismo, e dos seus olhares tímidos em êxtase que a tinham alvoroçado a princípio, mas já fatigavam a fêmea bravia, com precisão de predomínio, com a sede feminil da inferioridade... A leoa larga o leão que a não morder...

Edmundo roubara-lhe o que ela tinha de mais cioso: a passividade da mulher (Dias, 1975, p. 161).

Curiosamente, a assimetria e a desestabilização das diferenças de gênero determinadas pelos padrões sociais vigentes na época são

muito bem apresentadas na ilustração estampada na capa das duas primeiras edições do romance. Honorina é representada como uma mulher firme e segura, seu olhar “de rainha” mira o olhar do observador, além de estar à frente de Edmundo, que, de olhos baixos e semblante triste, a segue apequenado e humilhado.

Figura 11 – Capa da 2ª edição de *A Mulata*.



Fonte: Dias (1896).

Na narrativa de Malheiro Dias, os homens da geração de Edmundo parecem ser consumidos por uma doença silenciosa, corporificada na própria enfermidade de Edmundo, que, de certa forma, instaura uma contagem regressiva desde as primeiras páginas:

Uma garotada de assobio que malandra às portas do Londres e Café do Rio, cobiçosa, imprestável, sempre de dentes à mostra...

Quanta doença a precisar de cura, quanta calúnia a precisar chicote, quanto vagabundo a precisar trabalho!... (Dias, 1975, p. 66).

Percepção que se comprova na descrição dos amigos de Edmundo Julião, “quintanista de Medicina”, embora fosse intelectualmente e profissionalmente mais bem-sucedido, era fisicamente tão debilitado quanto o protagonista:

Magro, tisonado pelo sol do Norte, meio curvado pelo vício constante do estudo e pelo peso da miséria, Julião não pagava quarto desde que salvara duma angina a filha do senhorio, uma criança de quatro anos, raquítica e loura, de olhos azuis... (Dias, 1975, p. 81).

No silêncio mortuário da rua deserta falavam da mísera vaidade humana, e compreendiam-se bem os dois, sentindo-se irmãos na desgraça, camaradas no sofrimento (Dias, 1975, p. 83).

O estudante, além da aparência nada atraente e desleixada, também não tinha traquejo na aproximação com o sexo oposto, só fazia ideia do que fosse mulher pelos cadáveres frios que dissecava:

Mas bem do íntimo, esse nortista sonhava como os outros, uma saia fazia-o estremecer, e sentindo-se incapaz de ser amado, acontecia-lhe às vezes ficar triste ante um cadáver de mulher, saído das geleiras. Onde o seu escalpelo tantas vezes trabalhara, nunca ele pousara os lábios sequiosos... Tinha vergonha de confessar essa verdade abominável, mas aquele materialista nunca gozara o prazer de uma mulher, nunca, nunca... (Dias, 1975, p. 111-112).

Mesmo Emílio de Alcântara, “um rapaz janota, perfumado, correto, de olhos verdes e frios”, dono de um porte atlético, “forte e sanguíneo”, não é construído como personagem interessado em gerar descendência, não seria o ideal de pai da “criança-aurora” redentora do povo brasileiro, como apontara Bilac. Muito interessado na leitura do *Barão de Lavos*, de Abel Botelho, e na cultura greco-latina, ele buscava no *bas-fond* da cidade do Rio de Janeiro um efebo:

– Achei o que me faltava!... Tu, que gostas do antigo, vê-me agora um Horácio que ainda há-de escrever odes... Tenho o meu Ligu-rino!

– Oh! Emílio!

Mas ele entusiasmava-se. Era a única beleza, o efebo, de carnes tenras como as de um Apolo, peito branco e macio como o das vir-gens impúberes, olhos azuis como águas do golfo de Salamina... Ao menos ali não havia mentira, não existia a porcaria escondida sob a folha de parreira do amor... (Dias, 1975, p. 317).

Considerando a representação dessas três personagens mascu-linas, é possível afirmar que o romance de Malheiro Dias parece subverter um dos elementos recorrentes da representação literária da mulata, a esterilidade. Conforme Conceição Evaristo pontua, em “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face”, no discurs-o literário, mata-se a sua prole, ou melhor, na ficção elas surgem como mulheres infecundas e, portanto, perigosas. Contudo, em *A Mulata*, são imputadas também aos homens a impossibilidade ou a negação da geração de descendência. Dessa forma, Malheiro Dias não apenas descartava a possibilidade da tão sonhada “aurora” da sociedade brasileira, redimida por meio da mestiçagem embran-quecedora, como também atribuía a culpa desse fracasso às elites que comandavam a nação.

Evidentemente, não podemos ignorar que, para além da descrição de Honorina, o autor não renunciou aos discursos que estavam em voga na época com a sua afirmação de que dos efeitos das barbáries impetradas durante a vigência da escravidão não deixaram de existir somente com a assinatura da Lei Áurea: “A África trazia-nos o seu sangue em fermento, mas a raça negra algemada, feita escrava, de-generou-se no sofrimento. Vingou-se assim dos brancos, dando-lhe, quando livre, um sangue terrivelmente mau, em que escorria ódio, cobardia e perversidade” (Dias, 1975, p. 148).

Entretanto, essas questões não ressoam na narrativa com a mesma intensidade que a fraqueza e o ridículo da classe representada por Edmundo e seus pares, e isso pode ser verificado justamente pela reação da crítica ao romance. Fosse ele apenas mais uma condenação da população negra do Brasil, uma mera perpetuação dos estereótipos da mulata, ele muito provavelmente teria sido incluso, à época, na louvada bibliografia de Malheiro Dias – mas não o foi. Antes, pelo contrário, mesmo vinte anos após a sua publicação, *A Mulata* continuava a causar polêmicas (vide a série de ataques liderados por Antônio Torres na *Gazeta de Notícias*, em 1918, quando Malheiro Dias já era um dos escritores mais respeitados da luso-brasilidade), sendo, por fim, deixado à parte da lista de obras do autor como “um romance a esquecer” (Chorão, 1992, p. 25).

Enfim, foram diversas as críticas acerca d’*A Mulata*: era um romance pornográfico, desrespeitoso com a mulher e a família brasileira, “um romance para homens escrito por uma criança” (TORRES, 1918, s/p). Porém, através de material encontrado no acervo e de um novo olhar sobre a obra, pudemos observar como essa não era uma obra incômoda simplesmente por esses aspectos: era uma obra incômoda porque expunha as contradições da elite intelectual brasileira e a impotência de seus planos para a nação brasileira.

RECEBIDO: 26/01/2023 APROVADO: 24/04/2023

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Ângelo. *Revista Ilustrada*, 18 mar. 1876, ano I, n. 12, p. 4-6.
- ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Ática, 2009.
- BILAC, Olavo. Fantasio na Exposição. II – A Redenção de Cam. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 set. 1895, p. 1.
- BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 out. 1897, p. 1.

BROCOS, Modesto. *A redenção de Cam*. 1895. Óleo sobre tela, 199 cm x 166 cm. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CASTELO BRANCO, Camilo. Coração, cabeça e estômago. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras seletas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

CHORÃO, João Bigotte. *Carlos Malheiro Dias na ficção e na história*. 1. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Divisão de Publicações, 1992.

CUNHA, Herculano Augusto Lassance. *Dissertação sobre a prostituição em particular na cidade do Rio de Janeiro. Tese apresentada à Faculdade de Medicina*. Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, Rio de Janeiro, 1845.

DIAS, Carlos Malheiro. *A mulata*: romance. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, Quaresma & C., 1896.

DIAS, Carlos Malheiro. *Corações de Todos*: drama em 5 atos. Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1897.

DIAS, Carlos Malheiro. *A Mulata*. 1ª ed. Lisboa: Editora Arcádia, 1975.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

GARRET, Almeida. O brasileiro em Lisboa. *A Ilustração*, Lisboa, v. I, n. 4, p. 53-54, 1845.

GUIMARÃES, Bernardo. *Rosaura, a enfeitada*. Rio de Janeiro: Garnier, 1883.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

O MOSQUITO, 23 ago. 1873, ano V, n. 206, p. 4.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. *O Mosquito*. 11 set. 1875, ano VII, n. 313, p. 3.

REVISTA da Semana. 15 set. 1915, Ano XVI, n. 31, p. 33. Recorte presente na Coleção Malheiro Dias/RGPL.

REVISTA da Semana. 27 abr. 1918, Ano XIX, n. 12, p. 20. Recorte presente na Coleção Malheiro Dias/RGPL.

REVISTA da Semana. 08 jul. 1920, Ano XXI, s/ n. Recorte presente na Coleção Malheiro Dias/RGPL.

REVISTA da Semana 14 ago. 1920, Ano XX, s/ n. Rio de Janeiro: Editora Americana.

REVISTA da Semana 20 jan. 1917, Ano XVIII, n. 50. Rio de Janeiro: Editora Americana.

REVISTA da Semana 24 mar. 1917, Ano XVIII, n. 07. Rio de Janeiro: Editora Americana

SANTANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOUSA, Cristiano de. In: DIAS, Carlos Malheiro. *Corações de Todos*. Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1897, p. 6.

TORRES, Alexandre Pinheiro. Prefácio. In: DIAS, Carlos Malheiro. *A Mulata*. 1ª ed. Lisboa: Editora Arcádia, 1975.

MINICURRÍCULO

ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ (2019). Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2017). Mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2010). Graduada em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Co-líder do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. Membro associado ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

NICOLE CHRISTINE COSTA FERREIRA é Graduanda em Letras-Português e Francês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) no projeto “Brasil, Nação Mulata: Memória, Corpo e Identidade”, coordenado pela Prof.^a Andreia Castro. Membro do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura.